

## O NOME DAS LETRAS DO ALFABETO LATINO

Aprendidas nos bancos da escola primária, as letras do alfabeto raramente constituem objecto de reflexão, e mais raramente ainda são integradas num sistema coerente de interpretação. Objecto de utilização, passivo, como qualquer outro bem de consumo, não solicitam directamente a atenção quotidiana. Nem no plano da forma gráfica nem tão pouco no da designação. Quanto à imagem gráfica, apenas os iniciados na história da escrita através de uma paleografia latina consciente dos seus problemas e uma metodologia de análise esclarecida, saberão encontrar uma ponte de passagem entre, por ex., o sistema das maiúsculas e o das minúsculas; a diferença, na verdade, não é apenas de tamanho pois se em alguns casos isso se verifica noutros mantém-se a diferença fundamental do *ductus* (movimento da mão). (1) Relativamente à sua designação, as interrogações ou as dúvidas nem sempre encontrarão resposta imediata e muito menos adequada às divergências reconhecidas. Porquê dizer *cê*, *dê*, mas *êf*, *êm*, *êr*? A explicitação da resposta envolve uma aproximação a vários níveis, mas poderá atestar que não nos encontramos no domínio do arbitrário puro e do assistemático. Ganharemos até um critério de diferenciação tão importante como o da oposição entre consoantes oclusivas e fricativas, com a vantagem de para memorização de umas e outras não ser necessário recorrer a mnemónicas especiosas ou a consultas das páginas da gramática onde o quadro ficou esquecido.

Pela primeira vez encontramos formalizada esta questão num breve artigo publicado no último número da revista *Wiener Studien*, da autoria de um professor de Viena, Francisco Venceslau Mareš. (2) Porque se trata não apenas de uma curiosidade, mas de uma interpretação de um dos nossos elementos culturais mais quotidianos cuja origem nos transporta a ambiente clássico, aqui deixamos um pequeno resumo, com alguns aditamentos que nos pareçam adequados ou exigidos pelo caso português.

1. O sistema gráfico conhecido como alfabeto latino, embora derive do alfabeto semita através do grego (e através do etrusco), não conserva as denominações das letras que encontramos naqueles, mas apresenta de-

signações específicas de valor monossilábico. Tais designações remontam, salvo ou outro caso especial, ao período romano e são testemunhadas já por Varrão, no séc. I a. C.

Dentro do período clássico, e tendo em conta as duas últimas letras tomadas ao grego para efeitos de transliteração, o quadro alfabético apresenta a seguinte distribuição:

I. *a e i o u* = A E I O V

II. *ef el em en er es ex (ix?)* = F L M N R S X

III. *be ce de ge pe te* = B C D G P T

IV. *ka qu* = K Q

V. *ha* = H

VI. *y psilon (y graecum), zeta* = Y Z

2. O contraste mais evidente neste quadro nasce da oposição marcada entre os grupos II e III pela anteposição para um e a posposição para outro da vogal de apoio *ã* consoante. Este traço era acompanhado em latim pela oposição de quantidade: enquanto em II a vogal era breve, em III ela era longa. Tomemos este segundo dado como correlativo do primeiro, de acordo com as tendências da prosódia latina, segundo as quais um monossílabo terminado em vogal é geralmente longo, enquanto terminado em consoante é ordinariamente breve. Bastará, por isso, elucidar a razão do contraste de base.

Não encontraremos uma resposta satisfatória a partir da distribuição silábica latina, pois C, D, T podem terminar uma sílaba, mas igualmente M, R, etc., enquanto que outrotanto se não verifica com F, P, etc.

A componente fonética, embora de alguma maneira traço pertinente, não chega para explicar inteiramente a fronteira de discriminação. Na verdade, nada impediria que em latim tivéssemos o mesmo tratamento que em grego: *my, ny, po...*

A razão poderá encontrar-se numa oposição de natureza fonológica entre os pares de oclusivas. Nas fricativas, o latim não realiza qualquer tipo de oposição entre surdas e sonoras. Recorde-se, com efeito, que a nossa oposição /f/ - /v/ não se verifica naquela língua senão tardiamente. Podemos assim considerar que o dado de base, ou não marcado, é a anteposição da vogal de apoio para a designação da consoante. As oclusivas, porém, apresentam duas séries opostas pelo traço distintivo da sonoridade: b d g / / p t c. Acontecia ainda que tal oposição ficava neutralizada quando a con-

soante aparecia em final absoluta ( o arquifonema  $\tilde{e}$  a sonora). Daí que fosse necessário dotá-las de uma vogal de apoio em posposição, a fim de preservar a sua identidade específica ao enumerá-las.

3. A vogal de apoio  $\tilde{e}$  de timbre *e* que  $\tilde{e}$  o grau de abertura mais próximo da articulação consonântica, dentro das tendências mais generalizadas da língua, quer em sílaba travada quer em sílaba aberta.

As exceções de *ka*, *qu* não são mais que variantes de posição, impostas pelas convenções de uso gráfico: *k* antes de vogal *a* (*Kalendae*, *Kartago*...); *q* antes de *u* (*quod*, *quia*...).

*H* não apresentava qualquer valor fonológico, mas denotava tão somente um sinal de aspiração. A designação latina  $\tilde{e}$  apenas de carácter fonético. As línguas românicas atribuem-lhe nomes diferentes: *acca* (italiano); *ache* (francês; também o inglês); *hache* (espanhol); *aga* (português). A explicação para estas variantes, embora não totalmente líquida, terá de pressupor um desenvolvimento acentuado da aspiração que não se verificava em latim no período clássico. Elas serão portanto resultado de um fenómeno de reconstituição artificial praticada pela escola (patente em casos como o do port. aniquilar), na sequência de uma interpretação mais estrita dos gramáticos que não deixavam de insistir na aspiração representada por aquele grafema. Terá havido também fenómenos de contaminação? O Prof. F. V. Maeš chega a aventar a hipótese de pelo menos a designação francesa assentar na forma latino-medieval *acha* ("machadinha") construída sobre o franco-germânico *hache*. A imagem gráfica da minúscula *h* teria facilitado a associação e o empréstimo do nome.

As letras gregas conservam as designações originais.

Notar-se-á que a designação latina para *K* se mantém fiel ao monossilabismo; o português, porque se trata de um caracter estranho perfere a denominação grega (todavia no Brasil utiliza-se ainda o nome latino).

A letra *X* apresenta uma vogal de apoio de natureza não bem definida, como, de resto, já acontecia com a consoante grega correspondente. Porém, a ausência de oposição fonológica (por inexistência da sonora correspondente /gz/) excluía a necessidade de travamento por vogal.

---

*NOTAS*

1) Observando o meu próprio traçado, embora mantenha o mesmo *ductus* para A, O, por ex., é diferente o de B, D, E, F, H, etc.: a extensão do *ductus* da minúscula para a maiúscula não é geral. Na observação de outras escritas, poderão verificar-se que, ao inverso, a extensão do *ductus* da maiúscula à minúscula também não é universal; entre os grafemas mais individualizados registam-se sem dúvida B, H, I, L, Q.

2) Franciscus Venceslau Mares̃, "De litterarum latinarum nominibus", *Wiener Studien*, N. F. 90 (1977), pp. 219 - 224.

AIRES AUGUSTO NASCIMENTO